

Ibañez é contra 'provinha' do MEC

A "provinha" — exame de avaliação dos alunos a ser aplicado pelo Ministério da Educação no final do 2º grau —, que será introduzida em 1998, já desperta dúvidas e provoca polêmica. Os questionamentos vão desde a validade da iniciativa até a possibilidade de que resulte na formação de um ranking de classificação das escolas de acordo com o desempenho de seus alunos.

Ao detalhar a proposta no Seminário Internacional sobre Avaliação do Ensino Médio e Acesso ao Ensino Superior, ontem, no auditório do Banco Central, a professora Maria Helena Guimarães de Castro, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, encontrou resistência na própria mesa de debates.

O secretário de Educação do Distrito Federal, Antônio Ibañez, manifestou-se contrário ao exame. Ibañez lembrou que em recente avaliação do ensino básico e médio em todo o País, ficaram claras as inúmeras deficiências do 2º grau. "Não adianta realizar uma nova avaliação sem que alguma coisa tenha sido feita para solucionar todos os problemas encontrados", afirmou. "Para o aluno que sai da escola e que não se saiu bem, um exame no final do curso não contribuirá em nada, pois não haverá mais tempo para corrigir", complementou.

Tranquilidade - Ibañez destacou que em Brasília, com a realização do Programa de Avaliação Seriada (PAS), os alunos e as escolas têm oportunidade

de constatar as deficiências do ensino em cada etapa completada.

E é justamente essa avaliação implícita no PAS que tranquiliza o presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Distrito Federal, professor Izalci Lucas Ferreira, quanto à realização do exame. "Temos confiança e certeza absoluta de que as escolas de Brasília prestam um serviço de alta qualidade, como comprovou o PAS", disse ele.

O professor considera válida a proposta do MEC, apesar de insuficiente para melhorar o ensino de 2º grau como um todo, mas se preocupa com o uso dos resultados. "Uma divulgação equivocada de resultados poderia determinar um ranking entre as escolas, o que seria prejudicial para as instituições e para os alunos", ressaltou.

O diretor da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), Glauco Ivo, vê com muita estranheza a realização da provinha. "É um paliativo no momento em que a educação precisa de medidas muito mais importantes. Como irão colocar as escolas públicas e privadas em condições de igualdade?", questionou. Para ele, o exame tornará o ensino "ainda mais excludente e elitizante e favorecedor de verdadeiras indústrias de cursinhos". Glauco disse que a Ubes vai aprofundar um pouco mais a discussão antes de traçar uma estratégia de ação, mas adiantou que, desde já, existe uma disposição de boicote ao exame.(NC)